

se trabalho de superação, pois o ser humano tem suas virtudes e suas não virtudes. Superar, por exemplo, o horror a cozinhar e até a comer (quanto mais simples melhor, não precisa esquentar, tomo a sopa no caneco, vai mais depressa; pra quê tempero, tudo isso dá muito trabalho, que chatice!). Superar os medos de cachorro e da gata Sofia, a gata do filho Márcio; Sofia, aliás, lhe devolve essa ojeriza na mesma moeda. Responder com mais frequência os e-mails. Arrumar um pouco mais as gavetas e, sobretudo, a papelada espalhada nos quatro cantos do apartamento. Ter um mínimo de interesse pelos detalhes técnicos do dia-a-dia, conseguir torcer uma torneira ou desatarrachar um parafuso, manejar o aparelho de DVD... Apesar, diga-se de passagem, ter sido Helena, a primeira, entre os irmãos, a usar computador. Não precisava ter seguido o exemplo de nossa mãe e fazer tanta cerimônia em casa dos irmãos, sendo incapaz de tirar uma fruta da fruteira ou um suco da geladeira se a dona da casa, Zilma ou eu, por exemplo, não lhe oferecermos ou a encorajarmos verbalmente para tal bravata...

Creio que é bom ir terminando. Haveria, claro, muito ainda o que relatar, o que lembrar, entre sorrisos e algumas lágrimas. Fico por aqui com a reflexão de que, neste meu/ nosso balanço da pessoa Helena, vejo-a não como um ser melhor do que outros, mas como alguém que talvez tenha um grau muito alto de consciência de suas limitações e fragilidades e que, sabendo que elas existem, procura trabalhar para que elas não atrapalhem seu caminho e não gerem desconforto nos que a rodeiam, refletindo e reverberando do melhor modo que esteja a seu alcance a luz interior que vem da sua absoluta Fé em Deus e do seu empenho em um amor sem fronteiras.

A PERCEPÇÃO DA ESCRITORA HELENA PARENTE CUNHA POR HELENA

IVIA ALVES

Professora Adjunta da
Universidade Federal da Bahia / CNPq

Convencida pela organizadora, Evelina Hoisel, para participar desse emocionante evento e fazer meu depoimento sobre Helena, me surpreendi por não ter muito a revelar.

Não é que minha vida e a de Helena não tenham se encontrado algumas vezes, mas é que não consigo tornar público, pelo menos, o contato constante desses últimos dez anos, quando se construiu nossa grande amizade. Nossas conversas, nossas observações sobre o mundo, sobre a vida são lembranças muito íntimas para se tornar público e eu mesma fico receosa de não conseguir ser fiel às nossas falas. Há uma cumplicidade tão íntima entre nós que no momento em que escrevi essas palavras não me veio a expressão correta e coerente para dar forma a um depoimento. Só me vem à lembrança, lugares sempre próximos ao mar, o pôr do sol, uma atmosfera, muito boa, de completude, calma, serenidade. Tardes passadas à luz do sol e do mar.

É entre esses vários tons da tarde e da memória, que me aparece uma moça muito jovem, vestindo saias rodadas ou justas, andando pela longa alameda do Colégio Central. Eu tinha 16 anos, ela recém-formada em Letras. Eu estudante, ela, professora, minha.

O número de professoras mulheres e jovens no Central era muito pequeno, naquela época, talvez nem chegasse a 10% do corpo docente. Entre elas, em seu passo elegante, estava a decidi-

da Helena, que com toda a sua timidez tinha que varar aquela longa alameda, margeada de pinheiros, para alcançar o prédio de aulas do Colégio Estadual da Bahia, mais conhecido como Central e tendo a observá-la um bando de jovens fervilhantes de idéias e de intenções de mudanças, que, nas horas vagas, ocupavam os longos passeios da alameda. E ela confiante, sem mostrar temor ou timidez, atravessava, impávida. Rememorando esses tempos, foi aí que descobri o quanto ela era tímida e o quanto correspondia a sua trajetória de vida aquela travessia, sempre observada.

Talvez o furor que ela causasse nos jovens e nas estudantes não fosse por ver uma mulher, mas por ver uma pessoa jovem, quase da nossa idade, já exercendo uma profissão. Mulher emancipada e decidida! Certamente, as meninas projetavam-se nela em uma mistura de sentimentos de inveja e admiração, pois estávamos seguras, através dela, de que conseguiríamos vencer e entrar no mercado de trabalho, também nos tornando independentes, donas de nós mesmas. Helena foi, indubitavelmente, um dos modelos de mulher para as jovens estudantes que se aventuravam por aquele Colégio. E agora penso, rememorando, que Helena, com a mesma calma e força fez seu percurso tanto como professora universitária, diretora, pesquisadora, orientadora quanto como escritora.

Eu ainda a admiro com os olhos daquela jovem aluna que também viria se tornar uma professora.

Por anos, não tive notícias de Helena, apenas sabia que tinha casado e morava no Rio de Janeiro. Mas foi mais ou menos na década de oitenta que soube, por jornais e pelos meios universitários, notícias mais precisas dela.

Como escritora, ela se revelou mais forte para nós, baianos, nos anos oitenta. E eu me sentia orgulhosa e regozijada por tê-la conhecido na juventude. Mas da leitura de seus textos até novamente passar a ter uma convivência pessoal e cúmplice como temos agora, foram muitos anos. Nosso encontro definitivo foi decidido, quando, como organizadora de um evento, decidi homenageá-la. Ela veio do Rio e participou alegremente do encontro.

E como homenagem ao nosso encontro definitivo, vou fazer-lhe uma surpresa hoje, tomando como minhas palavras as suas e revelando-a como escritora para essa nova platéia.

Aquele longo desvelamento da autora tem passagens que muito me impressionaram e que são também elucidativas da sua trajetória literária. Do grande e ousado passo que aquela jovem professora deu ao escrever seus romances. Talvez a melhor imagem que a capture seja aquele andar seguro e ao mesmo tempo calmo com o qual ela atravessava a alameda do Colégio Central, sob os olhares vigilantes e apaixonados daqueles alunos do Central. Assim, vejo-a segura na sua trajetória literária.

Passarei a voz, a partir deste momento, ao depoimento de Helena feito no último dia do Seminário do GT da ANPOLL, "A mulher na literatura", realizado em Salvador, há dez anos atrás.

Eis o texto:

A fala da menina e outras falas

No momento em que recebo esta homenagem por parte de colegas do Grupo de Trabalho da ANPOLL. "Mulher e Literatura", neste seu VIII Seminário, devo agradecer por esta escolha que me vale mais do que a classificação num concurso lite-

rário de âmbito nacional. A homenagem me parece mais valiosa por partir desta atuante comunidade de pesquisadoras e pesquisadores da literatura de autoria feminina que acompanha com seriedade o desafio lançado por escritoras do presente e do passado, resgatando centenas de vozes esquecidas. Quero também parabenizar a Professora Ívia Iracema Duarte Alves pelo brilhantismo e competência com que organizou este belíssimo Seminário.

Esta homenagem é um prêmio à menina que, aos sete anos, fez seu primeiro poema, dedicado à primavera e, até hoje, guardado em papel amarelecido pelo tempo. O poeminha, escrito em letra indecisa, se pretendia metrificado e, apesar do pé quebrado, respeita as rimas alternadas, paupérrimas, digo de passagem. Eis a primeira das cinco quadras: "Hoje é o dia das flores / dia das crianças / que recebem louvores / cheias de esperança".

Recuando no tempo, eu revejo a adolescente, estudante do segundo grau, vencedora de um concurso de poesia promovido por um radialista famoso já falecido, Almirante, na antiga Rádio Tupi. O programa se intitulava "Onde está o poeta?" e cada semana dava um mote para ser trabalhado. Era o tempo em que o deputado federal Barreto Pinto havia posado de cuecas para a revista O Cruzeiro, justificando-se o mote com que eu concorri, "Eu seria mais feliz / se não fosse deputado". Os escândalos de Barreto Pinto e de outros deputados pontuavam a descrença no congresso do governo Eurico Gaspar Dutra. Enviei meus versinhos que, para inesquecível emoção, foram lidos pelo também falecido ator Paulo Gracindo, já então famoso galã romântico de rádio-novelas. A propósito do prêmio que me foi entregue alguns dias depois pelo próprio Almirante, criei a fantasia de que aquele primeiro dinheiro ganho com meu esforço era sinal profético de que eu ficaria rica através da literatura. A adolescente reprimida pela excessiva rigidez dos có-

digos comportamentais da família não tinha imaginação suficiente para, com aquela quantia, comprar algo mais prazeroso do que uma capa impermeável e um guarda-chuva vermelho. Nesta cadeia de associações, não posso deixar de registrar um fato que muito me acabrunha, a publicação de poemas do mais ridículo pieguismo, no jornalzinho da então Faculdade de Filosofia, de onde se desdobrou o atual Curso de Letras, incorporado à Universidade Federal da Bahia. Eu fazia o curso de Línguas Neolatinas no saudoso casarão da Avenida Joana Angélica que abrigava o conselho editorial de O Filósofo, cujos números saíam com notável regularidade. Ali eu publicava, sem o mínimo constrangimento, meus abomináveis poemas. No ano passado um amigo, com jeito de quem iria me proporcionar grata surpresa, deu-me em cópia xerocada uma página do jornalzinho, onde se achava estampada uma daquelas minhas execráveis composições. Não sei se meu amigo percebeu o profundo desconforto que sua gentileza me ocasionou. Enfim, não sou a única escritora a lastimar as produções de estréia. Mas recordo com alegria a primeira publicação em livro, muito tempo depois, em 1967, quando fiz parte da Moderna poesia bahiana, de onde tantos nomes se projetaram para o cenário nacional, como, entre outros, o de Myriam Fraga, minha amiga, também homenageada neste Seminário. A homenagem que ora recebo me recompensa pelos longos anos de luta, à procura de uma editora que aceitasse custear a publicação de meu primeiro livro. Após o casamento, eu me havia transferido para o Rio de Janeiro onde, no começo dos anos 60, empolgada pela poesia concretista, escrevi Corpo no cerco, que não esconde a influência daquele polêmico movimento literário. Para uma escritora jovem e desconhecida na cidade grande, além de tímida por natureza, era difícil abrir caminho naquele fechado mundo editorial. Nem mesmo o prefácio escrito por Cassiano Ricardo, entusiasmado pelos meus jogos fonosemân-

ticos, me ajudou a romper as difíceis barreiras. Quando em 1967, alcancei o primeiro lugar no Concurso de Poesia da Secretaria de Educação e Cultura do antigo Estado da Guanabara, pensei que as portas de alguma editora se abririam. Mas somente onze anos mais tarde, em 1978, o livro logrou a publicação, na Editora Tempo Brasileiro. Foi como um passe de mágica, pois logo pude tirar da gaveta outros textos, chegando a publicar três livros em 1980, Maramar, poemas compostos dez anos antes, Os provisórios, contos e O lírico e o trágico em Leopardi, ensaio.

Se meus primeiros poemas datam da infância, a ficção se inicia na idade madura. Só encontro uma explicação para esta dissincronia. Minha produção poética em geral tematiza angústias metafísicas e perplexidades ontológicas, distantes dos desassossegos ideológicos que se tornaram mais conscientes na década de 70, após o vendaval dos anos 60, que derrubou códigos culturais e, se não desbancou totalmente as pretensiosas verdades eternas e universais do racionalismo pós-iluminista, conseguiu atacar frontalmente seus poderosos esteios, desnudando-lhes os falsos valores. Por certo, só após aquela abertura, senti-me encorajada a desafiar a pesada censura do mundo patriarcal que havia bloqueado qualquer impulso meu para colocar no papel a revolta e a indignação que eu sentia diante daquela estrutura autoritária.

Em 1978 obtive o primeiro lugar no Concurso Nacional de Contos do Paraná, que já havia premiado nomes como o de Dalton Trevisan. Eram três contos, nos quais eu me posicionava, denunciando abusos relativos ao modelo tradicional. Um deles tem sido bastante citado e estudado, "O pai", que aponta uma situação emblemática do mundo patriarcal e atinge por vezes impiedoso tom sarcástico e caricatural. Por estar traduzido para o alemão, o inglês, o italiano, o francês, a depender do público ouvinte, com bastante freqüência eu o apresento. Quer se trate

de um público adulto, quer seja um auditório jovem, é muito comum ouvir pessoas confessando haverem vivido situações equivalentes. O fato sinaliza para a força do patriarcado, comprovada mesmo em culturas que não sofreram o impacto dos países colonizados e escravagistas como o nosso.

Estava aberto o caminho para Mulher no espelho, marco na minha vida literária, premiado no Concurso Nacional de Romance do Governo de Santa Catarina, traduzido para o alemão e para o inglês e objeto de artigos, estudos, monografias, teses. Na época, 1983, o romance melindrou muita gente, devido à violência do protesto contra a situação da protagonista que, na primeira fase se mostra inteiramente incapaz de vontade própria, sem coragem para identificar seus desejos, enfim, sem possibilidade para se reconhecer como sujeito. Mas o que chocou os desavisados leitores foi sobretudo a mudança da protagonista, quando decide reverter a situação e passa a viver todos os itens da lista de proibições a que deveriam obedecer as moças e senhoras de boa família, além de exibir, às vezes um tanto cinicamente, suas novas convicções libertárias. Algumas pessoas deixaram de falar comigo, enquanto, por outro lado, eu sofria inesperados assédios, como se a autora estivesse disponível para aventuras pouco canônicas.

A homenagem que recebo neste Seminário é também um prêmio por eu ter tido que enfrentar muito disse-me-disse e mesmo calúnias por parte dos censores que confundiram o eu biográfico do romance com o eu da narradora, ao suporem ser a mesma pessoa que atacava a moral de fachada e as hipocrisias, passando por cima de preconceitos de raça e classe social, chegando a se apaixonar por um dançarino negro pobre, filho de Xangô – o rei dos raios e dos trovões. A confusão aumentou pelo fato da trama, situada na Bahia, passar-se em parte no Rio Vermelho, na Avenida Sete e no Campo Grande, locais onde eu havia morado.

Várias pessoas verbalizaram a discrepância entre os acontecimentos furiosos da personagem e minha aparência que costumavam considerar calma e tranqüila. Devo acrescentar que a rebeldia da protagonista nada tem em comum com minha vida particular, onde gosto de cumprir os regulamentos e sou obsessiva em relação a horários e prazos. Provavelmente por este motivo costumo dizer que a literatura é meu espaço de liberdade.

Nunca me arrependi por ter desacatado de modo tão ostensivo o modelo onde fui educada, mas, por outro lado, sofri uma depressão que me durou dois longos anos e se repetiu após o término de meu outro romance, *As doze cores do vermelho*. O fato revela a onipotência do severo modelo, internalizado de modo tão avassalador que não perdoou a rebeldia contra seus mandamentos. O superego castrador teria que punir a transgressão do ego insubmisso, com sentimentos de culpa.

Costumam perguntar-me se na minha criação literária há vestígios da vivência pessoal. A literatura dialoga com a realidade e a fantasia, faz a síntese da emoção e do intelecto. Um dos paradoxos da obra está no fato de ser invenção que revela realidades profundas. Eu só escrevo aquilo que sinto intensamente, o que não significa falar de fatos vividos concretamente. A minha obra narrativa representa a minha vivência na ordem patriarcal carregada de todo o ônus com que a distinção hierarquizante dos gêneros sufocou a mulher. Assim como a protagonista de *Mulher no espelho*, eu nasci e vivi em Salvador, no ambiente que conservava fortemente tradições familiares e discriminações sociais. Uma vez que a protagonista na sua fase de contestação freqüenta locais e pessoas não recomendados para as moças e senhoras da família tradicional baiana, eu, a fim de mergulhar naquela atmosfera, me vi obrigada a visitar alguns locais da marginalidade. Hoje, a cultura do Pelourinho e adjacências é

reconhecida pelas elites intelectuais e sociais, mas até pelo menos o final dos anos 70, achavam-se estigmatizados os bares, restaurantes e outros locais, por onde minha personagem gostava de andar, relacionando-se com representantes dos segmentos marginalizados, boêmios, músicos, cantores, jogadores de capoeira, negros, filhos de santo, prostitutas. Para situar as vivências das personagens da fase marginal do romance, além de freqüentar os mesmos lugares que elas, conversei com as pessoas que, indiretamente, iriam fazer parte da trama. O chamado baixo meretrício ainda estava instalado na Ladeira do Maciel, oferecendo um espetáculo de estranheza para meu olhar aburguesado. Quando eu me aventurava naquelas andanças, em geral ia na companhia das amigas historiadoras Consuelo Pondé de Senna e Yedda Castro e também minha irmã Moema. Olhávamos as mulheres nos seus vestidos desbotados, sentadas no alto batente das velhas e carcomidas casas coloniais, à espera da clientela. Um pequeno jegue subia a ladeira carregando o peso dos caçoás e mais duas flores nas orelhas verticais. No corredor de uma das casas, um menino brincava abraçado a um carneiro vivo, os dois do mesmo tamanho. Íamos devagar por causa da dificuldade enfrentada por nossos passos, pouco afeitos à irregularidade daquelas pedras incertas que dizíamos, com reverência, terem sido colocadas por escravos. Nós éramos olhadas tanto quanto olhávamos. Nossas roupas, nossos sapatos, nosso ar de damas da corte, afinal, quem éramos? Com que direito invadíamos aquele espaço? Uma das mulheres veio ao nosso encontro, cheia de preocupação e nos advertiu: aqui não é lugar para madamas, aqui é o bas fond e carregava o S e o D, baSS fonD. Hoje o meretrício não está mais na ladeira do Maciel, muitas casas foram restauradas e algumas das pessoas que me censuraram na época, talvez hoje digam que é chique visitar esses centros da cultura popular. As terças-

feiras, sob o ritmo contagiante dos tambores do *Olodum*, a multidão irmanada esquece as distinções de classe, de cor e de idade.

Naquela ocasião, Consuelo Pondé de Senna, diretora do Centro Baiano de Estudos, me ofereceu as janelas daquela sede para que eu pudesse contemplar os quatro séculos de Bahia desfilando ante meus olhos ávidos e absorver do ambiente o máximo de informação possível à minha condição de classe média enrustida. Entrei em contato com toda uma população que até então me era totalmente desconhecida, mas que aprendi a respeitar e admirar. Em meio aos que mais me impressionaram, figuram os filiados ao *candomblé*, com quem absorvi características dos *orixás*, suas comidas, cores, danças e batidas de atabaque. Afinal, eu precisava estar bem informada sobre Xangô, Oxum e Iansã, que tinham estreita relação com a trama romanesca de *Mulher no espelho*. Tive que perguntar muito para descobrir o que era incompatível com os três *orixás*, pois, entre outros inúmeros detalhes, eu não poderia, por exemplo, escrever que a pele do negro bonito cheirava a manjeriço, sem a absoluta certeza de não haver discordância em relação às preferências de Xangô. Se bem que, para a abalçadíssima opinião do amigo, hoje falecido Antônio Houaiss, participante da comissão julgadora que premiou meu romance (em conversa, algum tempo depois), aquela preocupação era desnecessária, por se tratar de uma obra de ficção em que a intensidade poética do cheiro do manjeriço, ao lado de outros elementos, fazia parte da força erótica que emanava das cenas pontificadas pelo negro bonito filho de Xangô.

Não posso esquecer que o lançamento de *Mulher no espelho* em Salvador ocorreu no CEAO (Centro de Estudos Afro-orientais), ao som de atabaques, com farta distribuição de pipoca, bolo de carimã, acarajé frito na hora por uma baiana devidamente

paramentada com seus trajes típicos, enquanto todos nós estávamos vestidos de branco, pois era sexta-feira, dia de Oxalá.

Mulher no Espelho me abriu muitas portas, no Brasil e no Exterior, principalmente nos Estados Unidos, onde *Woman between mirrors* foi *best seller* de sua editora. Recentemente a profissional que fez minha *home page*, pesquisando na Internet, encontrou em programas de mais de vinte universidades americanas meu nome ao lado de autoras como Virginia Woolf e Clarice Lispector.

Quanto a *As doze cores de vermelho*, publicado em 1989, a protagonista também vive oscilante entre o mundo doméstico e os anseios de liberdade, lutando em vão para poder entregar-se inteiramente à sua vocação de pintora. Fraturada entre o “lado de cá” da severidade do padrão e o “lado de lá” do espaço livre, sempre circulando ora além, ora aquém, não teve coragem para realizar a ruptura. Embora *Mulher no espelho* seja meu carro-chefe, meu livro preferido é *As doze cores do vermelho*. Não sei como consegui armar a simultaneidade das três dimensões temporais, distribuídas respectivamente dentro de três blocos em cada duas páginas, a par e a ímpar, com as três vozes narradoras correspondendo a cada um dos três tempos: eu no passado, você no presente, ela no futuro. Para a elaboração dessa trança temporal, deixei atuar meu lado virginiano que me fez seguir um esquema super-disciplinado durante mais de um ano, obrigando-me a acordar diariamente às cinco e escrever até cerca de sete e meia, oito horas. Se eu não me tivesse comprometido com aquela disciplina, teria perdido o fio da trama no meio das personagens e dos fatos enlaçados simultaneamente nas três faixas de tempo e nas três vozes narradoras. Tive problemas com o revisor da primeira edição que se pôs a corrigir os considerados erros gramaticais de regência, concordância, tempos verbais. Ele não admitia, por exemplo, uma frase como esta “O céu é vermelhos”. Não entendia que, assim,

se abria um leque de possibilidades significativas muito mais vasto do que se eu respeitasse a concordância ou dissesse, o céu tem muitos tons de vermelho. Deu-me trabalho fazer a revisão da revisão, pois o homenzinho achou por bem corrigir todos os desvios que eu praticava propositadamente, na intenção de, no mínimo de palavras, alcançar o máximo de perspectivas de significado. Aliás, uma das características básicas do meu texto é a concisão. Gosto da escritura compacta e cheia de ambiguidades e intenções nas entrelinhas, no não dito, propiciando ao leitor as mais diversas e diversificadas interpretações. Afinal, na realidade concreta, nada é fixo e tudo está sempre em mudança.

Quanto aos contos, nos quatro livros, *Os provisórios*, *Cem mentiras de verdade*, *A casa e as casas*, *Vento ventania vendaval*, este recém-publicado, as personagens femininas de várias classes sociais e idades, circulam entre criações masculinas, também diversificadas. Trata-se de representações de homens e mulheres pertencentes ao mesmo mundo ideológico, ora no papel de vítimas alienadas, ora em rasgos de rebeldia. Em ambos os casos, embora os sentimentos de ternura e compaixão envolvam as personagens, não raras vezes o tom irônico ou sarcástico aponta impiedosamente o lado ridículo da situação, que é uma de minhas maneiras de demonstrar revolta e indignação contra os absurdos de uma cultura construída com base nas relações de poder.

Da mesma forma que nos romances, em geral a construção narrativa de questionamentos dos dogmas, leva à desconstrução da armadura linguística e de toda a elaboração discursiva. O tempo cronológico se desfaz, em favor do tempo circular que se move no ir e vir, ao sabor das oscilações do mundo interior. A organização discursiva propositadamente foge dos modelos gramaticais, relaxando os vínculos sintáticos e a rigidez dos significados.

Em meus contos, a representação feminina muitas vezes mostra personagens cristalizadas na cartilha do gênero: mulheres abandonadas ou obrigadas à solidão; mulheres vítimas dos preconceitos ou humilhadas pela condição de mães solteiras ou filhas de mãe solteira; mulheres sufocadas de culpa por se terem deixado levar pelo impulso do momento e outras que se orgulham da virgindade; aquelas que resumem suas vidas numa entrega alegre à servidão a seus homens ou atingem um nível de total exaurimento pela exploração do macho.

A propósito das personagens rebeldes, cito, de *Os provisórios*, a noiva que no dia do casamento desapareceu, deixando o vestido, a grinalda e o buquê espalhados pelo chão, e, em *Cem mentiras de verdade*, a adolescente que provocava o adulto tarado e a moça obediente que fugiu com o motorista de caminhão ou a garota que gostava de transar com os dois namorados.

Atualmente, passada a fase da tomada de consciência do estado de dominação em que vivia a mulher, já não há mais aquela urgência de falar das agruras sofridas na ordem falocrática e novos temas despontam no horizonte de mudanças da sociedade. Nos meus últimos livros de contos, *A casa e as casas* e *Vento ventania vendaval*, aparecem mulheres de bem com a vida, assumindo a própria independência e liberdade, integradas a novos valores. Algumas personagens se libertam das máscaras e constroem sua existência longe das conveniências ideológicas. A exemplo da protagonista do conto passado no asilo de velhos, "A festa", que modifica a rotina da casa e aponta para novos valores, inclusive acreditando no futuro. Em "Trineia e Dona Luísa" a personagem idosa recusa imposições e preceitos e, para surpresa geral, decide fugir de casa e não se sabe mais dela. Em *Vento ventania vendaval*, "A Mãe solteira" enfrenta os preconceitos, faz carreira profissional com sucesso e vive muitos amores. "O namorado" conta a estória da médica, professora titular que, após dois casamentos fracassa-

dos, assume a relação com um colega professor assistente, vinte e tantos anos mais jovem.

Na Itália, foi publicada uma edição bilingue com uma seleção de meus contos, belamente traduzidos pelo Professor Brunello De Cusatis, da Universidade de Perugia.

Eu disse que nos poemas falo de minha angústia metafísica, aliás, bastante mitigada em O outro lado do dia, poemas de uma viagem ao Japão, em que o encantamento às vezes se tingem de melancolia, ante a impossibilidade de penetrar no novo mistério com que aquela maravilhosa realidade me acenava. Também na produção em prosa comparece minha ansiedade em busca de respostas que possam dar conta do mistério de ser e de existir.

Não é fácil dizer como produzo meu texto. Acredito na inspiração, confio no dom, mas não abro mão do trabalho de artesão, de revisão. Antes de considerar meu texto concluído, refeito e refaço, às vezes, obsessivamente.

O tópico que mais me agrada trabalhar é relacionado aos conflitos estruturais e estruturantes do ser humano. Somos seres movidos pelo desejo que nunca se aplaca no plano terreno. Somos dotados de uma força inconsciente que nos dilacera. Somos possuidores de uma demanda de amor impossível de alcançar satisfação. Daí os conflitos que tematizam minha produção literária. No entanto, na minha vida pessoal, sou espiritualista e acredito que todos os nossos conflitos se resolvam na dimensão do divino. Fazemos parte de um grande Projeto e estamos na experiência terrena para aprender.

A homenagem que recebo neste Seminário, além do alto privilégio que me foi concedido, também me alerta para a responsabilidade do escritor e, particularmente, da mulher escritora. A mulher hoje tem consciência do seu papel na reconstrução do mundo e na criação do novo paradigma, visando a uma sociedade mais justa, em que os problemas globais possam ser resol-

vidos sem belicosidade nem pressões econômicas. A palavra da mulher na literatura, na medida em que aprofunda o autoconhecimento e o conhecimento do outro, também tem uma responsabilidade política.

Esta homenagem assinala uma nova fase da minha vivência de escritora, estimulando-me a prosseguir com maior responsabilidade no caminho de quem se dedica à árdua tarefa de, através da palavra, transformar invenção em realidade.

Esta é a escritora Helena Parente Cunha pela visão de Helena.